

A PERSPECTIVA HERMENÊUTICA-FENOMENOLÓGICA EM HEIDEGGER: SOBRE O ESQUECIMENTO DO 'SER'

ANDREWS DUBOIS JOBIM¹; FLÁVIA CARVALHO CHAGAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – ajobim@protonmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – flaviafilosofiaufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ser e Tempo de Martin Heidegger é considerada uma principais obras do século XX, pois se propõe a pensar o impensado. Publicada em 1927, trata de resgatar a questão ontológica, denunciando que a “ontologia” deveria ter se preocupado com o ser, porém se perdeu na multidão das determinações deste, os entes, se afastando cada vez mais de seu sentido original, até decair num total esquecimento do que deveria buscar. A proposta da obra é a colocação da questão sobre o sentido de ser em seu sentido originário, ao mesmo tempo em que faz uma desconstrução do aparato metafísico da tradição, o situando em um horizonte mais fundamental. Tal procedimento se faz necessário pois, apesar da aporia quanto ao significado da palavra “ser”, de alguma forma ainda somos capazes de compreender seu sentido, o que cobra uma explicação.

O caminho escolhido por Heidegger é o da fenomenologia-hermenêutica, o qual combina o método fenomenológico de Husserl com o método interpretativo de Dilthey. Essa escolha é justificada logo nos primeiros parágrafos da obra, nos quais Heidegger defende que fazer fenomenologia é fazer ontologia, pois se trata do estudo sobre o aparecimento do ente em si mesmo (em seu ser); e que isso implica a hermenêutica como o exame da interpretação que temos desse aparecimento, já que nós mesmos somos aquele ente capaz de perguntar sobre o ser. Em outras palavras, o modo como o ser aparece (nos entes) depende da interpretação que é feita desses. Sua intenção foi constituir um método capaz de descrever a relação cotidiana que temos com o ser tal como se dá, sem implicar nada além do fenômeno (sem apelar a uma metafísica), para assim se aproximar do sentido de ser em geral.

Suas considerações partem da assunção da diferença entre ser e ente, bem como a irreduzibilidade entre ambos. Isso porque se é o ser que possibilita a descoberta e compreensão dos entes, se manifestando apenas através destes, então não pode ser tratado como apenas mais um ente, pois seria ente e não ser. Nesse sentido há a necessidade de cuidar o uso que é feito da linguagem, uma vez que o enunciado se limita sempre ao âmbito dos entes, não sendo capaz de esgotar o âmbito do ser (como a tradição filosófica pressupôs). Para falar do ser é preciso que se use a linguagem adequada, pois enquanto modo derivado de uma compreensão mais profunda, o enunciado é apenas uma das formas possíveis de manifestação dessa compreensão. De acordo com STEIN (2004): "Há um pré-compreender que serve de espaço para todo dizer e que, ao mesmo tempo, é desencadeado por este."

Dessa forma, o presente trabalho visa apresentar como Heidegger fundamenta o enunciado a partir do fenômeno da compreensão, enquanto um modo derivado da interpretação. Para isso, será brevemente indicado o modo como o problema que motiva essa fundamentação teria surgido na história da filosofia, bem como as estruturas fenomenais que compõem o lugar do ser no mundo (condição de possibilidade da interpretação) e a modificação do 'como' hermenêutico no 'como' apofântico.

2. METODOLOGIA

A metodologia para a realização deste trabalho segue a linha dos estudos fenomenológicos em filosofia, se valendo da pesquisa bibliográfica como fonte de material para as análises. Aqui optou-se por restringir as fontes primárias ao primeiro período de produção do pensamento heideggeriano, conforme dividido por seus intérpretes, enfocando, portanto, na principal obra de Heidegger, a saber, *Ser e Tempo* (1927), além de outros escritos do mesmo período, como, por exemplo, a preleção *Que é Metafísica?* (1929). Como fontes secundárias foram utilizadas principalmente os comentários e análises de Ernildo Stein.

Dentro do universo de questões desenvolvidos em *Ser e Tempo* priorizou-se os primeiros parágrafos (§1 a §8), onde é colocada a justificativa sobre a necessidade de retomada da questão sobre o sentido de ser, bem como sua problemática e o método para sua adequada colocação. Além desses, foi realizada uma leitura atenta dos parágrafos §29 a §34, que abordam o modo como o ser humano se abre para a compreensão do seu lugar no mundo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Heidegger parece indicar que um dos equívocos da tradição na discussão sobre o sentido de ser foi a assunção do *λόγος* como algo *simplesmente dado*, ou seja, como um “*simplesmente dar-se em conjunto de várias palavras*” (HEIDEGGER, 2012, p. 221, grifo no original). Isso já teria sido assumido por Platão e Aristóteles, porém com um apelo à unidade do *λόγος*: Aristóteles afirmando que *λόγος* é ligação e separação ao mesmo tempo; Platão afirmando que é um conjunto constituído pelas palavras. O que ambos não teriam considerado (talvez pela sua forma de pensar fenomenológica) é o que exige essa unidade do *λόγος*, que para Heidegger é a impossibilidade de algo ser compreendido sem que esteja em relação com outro algo. O problema está em desconsiderar esse caráter unitário, e conseqüentemente fenomenológico do *λόγος*, reduzindo a amplitude e originalidade de seu acontecimento, limitando o fazer filosófico a uma única forma de interpretação: apofântica (ôntica e desvinculadora das relações de conjunto). A linguagem fica limitada à descobrir apenas o ente e de apenas uma forma.

Para evitar esse equívoco, Heidegger propõe dar um passo atrás e expor os fundamentos em que se funda a possibilidade do enunciado (apofântico). Irá defender a contraposição de duas estruturas que compõem lados opostos de um mesmo espectro: “Chamamos de ‘como’ *hermenêutico*-existencial o ‘como’ originário da interpretação que compreende numa circunvisão (*ἐρμηνεία*), em contraste ao ‘como’ *apofântico* do enunciado” (HEIDEGGER, 2012, p. 220, grifos no original).

Na tarefa de expor esses fundamentos, Heidegger não partirá de um ‘saber imediato’, isto é, de uma abertura que desde seu ponto originário já compreende os objetos ao seu redor, mas do *humor* (*Stimmung*) enquanto abertura do ser-aí como um ente que é, sem no entanto determinar o seu de *onde* e *para onde*. O humor é uma abertura anterior a toda forma de conhecimento e vontade e se situa além da abertura do ser-aí, estando sempre além de qualquer intuição. No entanto, o humor não é o único ponto de sustentação do “lugar” do ser (ser-aí), a *compreensão* se mostra como igualmente originária nesse fenômeno, pois, de acordo com Heidegger, “toda disposição sempre possui uma compreensão, mesmo quando a reprime. O compreender está sempre afinado pelo humor” (HEIDEGGER, 2012, p. 202). Por ser uma estrutura existencial, o compreender

conserva o caráter desta enquanto abertura às possibilidades de ser-no-mundo em sua totalidade, porque abre as coisas, os outros seres-aí e as possibilidades de ser junto a esses. Porém, não se trata de possibilidades indiferentes, mas da capacidade de transcender a si mesmo pelo projetar-se, uma vez que o ser-aí já está sempre disposto em certas possibilidades. O *discurso* é trazido como uma estrutura igualmente originária, tal qual as duas anteriores. Se trata da “articulação da compreensibilidade” (HEIDEGGER, 2012, p. 223), da pronúncia daquilo que é compreendido, tendo como momentos constitutivos o referencial, o ente enquanto tal, a comunicação e o anúncio. “A totalidade significativa da compreensibilidade vem à palavra. Dos significados brotam palavras. As palavras, porém, não são coisas dotadas de significados” (HEIDEGGER, 2012, p. 224).

Dessa tríplice estrutura fenomenal surge a interpretação como o dar forma ao aberto pela compreensão, no sentido de elaborar as possibilidades projetadas no compreender. Se trata de um movimento da compreensão que apreende o que fora compreendido, articulando o que se abriu em um conjunto de referências, revelando os entes em seu “como”. A interpretação sempre está aí, por mais que não apareça, sempre se dando a partir de uma totalidade já compreendida, independente da expressão no discurso para se dar, sendo neste apenas manifestada. É sempre constituída de uma posição prévia, uma visão prévia e uma concepção prévia, uma vez que “a interpretação nunca é apreensão de um dado preliminar, isenta de pressuposições.” (HEIDEGGER, 2012, p. 211) A partir da interpretação que é formulado o conceito de “sentido”, como a estruturação que permite a compreensibilidade de algo a partir da posição prévia, visão prévia e concepção prévia. Portanto, o sentido não é um aspecto da coisa, muito menos o que é compreendido quando afirmamos que compreendemos algo, mas o resultado do conjunto referencial que envolve a coisa (sem sentido) e o ser-aí (ente capaz de sentido).

É somente aqui que surge a possibilidade do enunciado como um modo derivado da interpretação, fundado, conseqüentemente, no compreender, possuindo por isto um sentido. Em outras palavras, o sentido não reside no juízo, como pensou a tradição filosófica, mas é fornecido a este pela base em que se funda, a interpretação, tendo por isso uma posição prévia, uma visão prévia e uma concepção prévia. Para Heidegger a enunciação é uma modificação do “como” da interpretação (hermenêutico) em “como” da determinação (apofântico), operando uma passagem de um modo amplo de descoberta do ente para um restrito. Isso fica claro pela definição de enunciado que é apresentada: “[...] *um mostrar a partir de si mesmo e por si mesmo, que determina e comunica*” (HEIDEGGER, 2012, p. 218, grifos no original). “Mostrar a partir de si mesmo e por si mesmo” porque visa apresentar e não representar o ente; “Que determina” porque restringe o ente na medida em que o retira de suas relações de conjunto; “E comunica” porque deixa ver junto o que se mostra de um modo determinado. “Aquilo com que *lidava manualmente* o fazer, isto é, a execução, torna-se aqui ‘sobre’ o que o enunciado mostra” (HEIDEGGER, 2012, p. 220, grifos no original).

A tradição filosófica limitou o modo de interpretação dos entes, restringindo o âmbito de manifestação da verdade ao juízo, pois assumiu o lógos como um ente *simplesmente dado*. Porém, o devido tratamento só pode ser dado a este na medida em que é posto como uma possibilidade existencial do ser-aí. Retorna aqui a discussão de base da obra *Ser e tempo*, a saber, a possibilidade de explicitar o modo de compreensão que possuímos do ente, sem, contudo, termos uma resposta à questão sobre o ser. Por que Heidegger não toma a questão do ser como o faz a metafísica, buscando um fundamento primeiro que determina todos os entes? Primeiro porque fazer isso seria, mais uma vez, tratar o ser como

ente; segundo porque é o sentido que se encontra na base da compreensibilidade, enquanto uma articulação possível na interpretação. Está constituída, portanto, uma circularidade no processo de interpretação, uma vez que esta depende do sentido para buscar novas formas de compreensão -- ou seja, se deve partir do já conhecido para se poder conhecer. A circularidade faz parte da constituição existencial do ser-aí, configurando um modo positivo de aquisição de conhecimento. Ao contrário do que propõe grande parte da tradição filosófica, Heidegger afirma: "O decisivo não é sair do círculo, mas entrar no círculo de modo adequado" (HEIDEGGER, 2012, p. 214).

4. CONCLUSÕES

Até o momento, compreende-se que as implicações mais imediatas são a abertura de um novo horizonte para a consideração da questão do ser e a indicação do ser humano como caminho necessário para a compreensão do ser. Heidegger oferece um aprofundamento das discussões filosóficas a um âmbito muitas vezes relegado, visando discutir justamente aquilo que é tido como resolvido pelas mais diversas correntes: problema do ser, fundamentos do enunciado etc. A pesquisa aqui apresentada é um recorte de um trabalho mais amplo que vem sendo desenvolvido e que atualmente está em processo de adaptação para um projeto de pós-graduação. A proposta é seguir investigando como Heidegger apresenta os fundamentos da compreensão do ser em *Ser e tempo*, tentando dar conta das variadas formas da interpretação e seus possíveis limites.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, M. Que é metafísica? In: **Conferências e escritos filosóficos / Martin Heidegger**. Tradução de Ernildo Stein, 4 ed., São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Coleção Os Pensadores).

_____. **Being and time**. Tradução de John Macquarrie & Edward Robinson, 21 ed., Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 2001.

_____. **Ser e tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, 7 ed., Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Ser y Tiempo**. Tradução de Jorge Eduardo Rivera, Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1997.

STEIN, E. **Seis estudos sobre 'Ser e tempo'**: comemoração dos sessenta anos de Ser e tempo de Heidegger. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Seminário sobre a verdade**: lições preliminares sobre o parágrafo 44 de Sein und Zeit. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Uma breve introdução à filosofia**. 2 ed., Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

_____. Em busca da linguagem para um dizer não-metafísico. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 289-304, dez. 2004.